

LÚCIA COELHO DO SACRAMENTO

“É isso aí!!:Uma proposta descritiva do uso de expressões de concordância e sua relevância para o ensino do Português como segunda língua para estrangeiros”

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras

Orientador: Professora Dra. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

LÚCIA COELHO DO SACRAMENTO

“That’s it!! A descriptive proposal of the use of agreement expressions in the brazilian communication and its relevance to the teaching of portuguese as a second language for foreigners”

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras

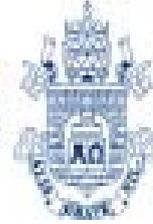
Orientador: Professora Dra. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

CCE
COORDENAÇÃO
CENTRAL DE
EXTENSÃO

Rio de Janeiro
Dezembro de 2015



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Lúcia Coelho do Sacramento

“É isso aí!!:Uma proposta descritiva do uso de expressões de concordância e sua relevância para o ensino do Português como segunda língua para estrangeiros”

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista no ensino da Língua Portuguesa para estrangeiros.

Orientador: Professora Dra. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque



Rio de Janeiro
Dezembro de 2015

Agradeço a Deus por esta oportunidade e a todas as pessoas que
contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

É isso aí! Uma proposta descritiva do uso de expressões de concordância na comunicação do brasileiro e sua relevância para o ensino do Português como segunda língua para estrangeiros. Foi o resultado de uma monografia apresentada para conclusão do curso de Formação de professores de Língua Portuguesa para estrangeiros em 2015 na PUC - Rio. Uma contribuição reflexiva e descritiva sobre o uso de expressões de concordância por brasileiros em seus atos de fala em situações reais de uso. O corpus que subsidiou esse estudo formou-se a partir de dados coletados do programa Malhação – episódio – Seu lugar no mundo de 2015 da Rede Globo de televisão, cuja finalidade foi coletar, descrever, classificar e refletir sobre como os brasileiros realizam o ato de concordar e sua aplicabilidade no ensino do Português como segunda língua. O estudo foi fundamentado a luz dos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional. A pesquisa mostrou que aprender uma segunda língua requer o conhecimento não só das regras gramaticais que regulam o funcionamento da língua, como prática de memorização, mas também, influências culturais que a cercam, dando real sentido às intenções comunicativas do falante. As considerações finais desse trabalho ratificam a relevância do processo de ensino e desafios enfrentados pelo professor, devido aos poucos recursos linguísticos do universo comunicativo do brasileiro, que precisam ser apresentados ao aprendiz estrangeiro. Ao final do trabalho, foi possível observar outras estruturas extra-corpus que também fazem parte do ritual de concordância do brasileiro, abrindo um leque inesgotável para um próximo estudo.

Palavras-chave

Linguística Sistêmico-Funcional; Expressões de concordância; Língua Portuguesa como segunda língua para estrangeiros; Gramática Sistêmico Funcional; Proposta funcionalista; Língua de alto contexto situacional; Atos de fala; É isso aí!; Descrição da Língua; Ritual de concordância.

Abstract

That's it! A descriptive proposal of the use of agreement expressions in the Brazilian communication and its relevance to the teaching of Portuguese as a second language for foreigners. This is a monograph presented to the conclusion of Portuguese Teacher Training for Foreigners Course at PUC –RIO (2015). A reflective and descriptive contribution on the use of agreement expressions in speech acts in real situations of use. The corpus that subsidized this study was collected from the teen soap opera *Malhação* – season “Your Place in the World” (*Seu Lugar no Mundo*), Globo television network, whose purpose was to collect, describe, classify and reflect how the Brazilians perform the act of agreeing and its applicability in teaching Portuguese as a second language. This study was based on Theoretical Assumption of Function Systemic Linguistics. The research has shown that learning a second language does not only require a grammar rules study, but also the cultural influences that surround the real meaning of the speakers communicative intentions. The final considerations of this study ratify the relevance to the teaching process and challenges faced by teachers due to the abundant linguistics resources of the Brazilian communicative universe that needs to be presented to foreign learners. At the end of the study, it was possible to observe other extra-corpus structures that are also part of the Brazilian agreement ritual, opening up an inexhaustible range for an upcoming study.

Keywords

Functional Systemic Linguistics; Agreement expressions; Portuguese as a second language for foreigners; Functional Systemic Grammar; Functionalist proposal; High situational language; Speech acts; That's it!; Language description; Brazilian agreement ritual.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Revisão da Literatura.....	8
2.1 Gramática Tradicional.....	8
2.2 Gramática Descritiva.....	9
2.3 Estudos Linguísticos.....	11
2.4 Dicionário.....	15
3. Pressupostos Teóricos.....	16
3.1 Linguística Sistêmico-Funcional.....	16
3.2 Teoria dos Atos da fala.....	20
3.3 Interculturalismo.....	22
4. Pressupostos Metodológicos.....	26
5. Análise de Dados.....	27
5.1 Análise	27
5.2 Expressões de concordância/Atos de Concordar.....	30
5.2.1 Concordância absoluta e enfática.....	31
5.2.2 Concordância moderada.....	34
5.2.3 Concordância fraca.....	36
6. Considerações finais.....	38
7. Referências Bibliográficas.....	39

Introdução

A motivação inicial para a realização do estudo do tema deste trabalho: **“É isso aí!! : Uma proposta descritiva do uso de expressões de concordância na comunicação do brasileiro e sua relevância para o ensino do Português como segunda língua para estrangeiros.”**, se deu pelo fato de encontramos uma variedade significativa de possibilidades de respostas positivas realizadas durante a conversação. Essa diversidade de usos pode trazer para o aprendiz PL2E muitas dificuldades de compreensão em função do significado que carregam, das opções que a língua oferece para esse ato e a falta da apresentação de uma abordagem satisfatória e próxima da língua em uso nos materiais didáticos específicos para essa área disponíveis no mercado.

Acreditamos que essa pesquisa justifica-se em razão da importância do estudo de uma descrição do uso das estruturas possíveis dos atos de concordar, que pode vir a contribuir para o ensino-aprendizagem do aluno, tendo em vista a dificuldade do aprendiz para entender como determinadas palavras com funções já normatizadas nas Gramáticas Tradicionais podem assumir novos significados, quando inseridos em uma situação comunicativa com estruturas de expressões de concordância, como fazer as escolhas linguísticas e em que situações poderão ocorrer. A aquisição desse entendimento por parte do aprendiz poderá torná-lo mais eficiente durante a comunicação.

A Língua Portuguesa por ser rica em seu contexto comunicativo, apresenta inúmeras formas de manifestações discursivas que podem ser verificadas em situações reais de discurso, supõe-se que com o levantamento de dados sobre o tema o qual esta pesquisa se propõe, será possível identificar e descrever os inúmeros usos dentro dos contextos diversos da fala do brasileiro.

“..., o êxito do ensino-aprendizagem do português brasileiro como língua estrangeira depende do conhecimento não apenas dos aspectos formais do sistema linguístico, mas, sobretudo, das particularidades relacionadas à cultura brasileira.”(Cecílio, 2013:96).

Este trabalho tem como objetivo geral coletar, identificar e analisar os diferentes tipos de estratégias de concordância no português brasileiro e especificar alguns exemplos dessas estratégias, categorizando-as de acordo com as possibilidades de significações que ocorrem na fala do brasileiro, com sentido de concordâncias que poderão ser classificadas como mais enfática até uma menos enfática.

2

Revisão da Literatura

2.1

Gramática Tradicional

Bechara (2009), o gramático não contempla o uso das expressões de concordância de forma geral ou específica. Baseados nas estruturas que podem formar tais expressões, foi feita uma busca nos capítulos desta obra e por hora nada foi encontrado. Quando se faz o uso da estrutura: **“Isso!”**, fomos até o capítulo que trata dos pronomes demonstrativos e o autor inicia-o expondo que: Pronome – é a classe de palavras categoremáticas (pronome e numeral de acordo com a indicação do autor, página 112 da mesma obra) que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. Os pronomes demonstrativos são os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Em seguida o autor os estrutura fazendo uma correspondência com as pessoas do discurso: 1^a. , 2^a. e 3^a. Partimos então para a busca de outra expressão representativa da concordância, o uso do “sim;”. Para tal, fomos fazer a nossa busca no capítulo que o autor trata dos advérbios. Bechara classifica essa palavra como substituta de oração (pro-orações ou pro-textos), quando retoma, como resposta, enunciados textuais e exemplifica: “Você vai ao cinema?” – **“Sim.”**

Rocha Lima (2001), o autor não aborda em seus capítulos, nenhuma referência a respeito das expressões de concordância utilizadas no discurso do brasileiro. Foi identificado também que o estudo da palavra “sim”, uma das representantes dessa categoria discursiva, é mencionada no capítulo que trata dos Advérbios, classificada como um advérbio de afirmação em uma nota de observação feita pelo autor.

Ali (1971), verificamos que certas estruturas que podem ser usadas como expressões de concordância, foram encontradas dentro do capítulo que aborda os advérbios, conceituados da seguinte forma: advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio. O autor reserva em uma de suas clas-

sificações um lugar para os chamados, advérbios de afirmação. Inumeráveis são as locuções adverbiais resultantes da combinação de preposição com substantivos. Por este processo se criaram, entre outros, que o autor elenca: “**sem dúvida**” e “**com efeito**”. Esta última expressão de acordo com o dicionário <http://www.sinonimos.com.br> significa: “**com certeza**”, “**realmente**”, cabendo aqui uma observação de que o seu uso é encontrado mais comumente em discursos textuais, fugindo do nosso corpus de pesquisa. Quanto à primeira expressão, “**sem dúvida**” muito mais comum de ser identificada nos discursos orais.

Cunha e Cintra (2001), apenas aborda no capítulo dos Advérbios a classificação das locuções adverbiais de afirmação e elenca algumas que são do nosso interesse para o estudo: “**com certeza**”, “**por certo**” e “**sem dúvida**”, sem fazer referência às expressões de concordância, especificamente.

2.2

Gramática Descritiva

Castilho (2014), no capítulo que trata sobre Diversidade do Português Brasileiro, o autor apresenta em um dos subitens da Variação Individual na execução do Português brasileiro, que falamos inteiramente “avontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar, quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações. Na pesquisa feita nesta obra, podemos encontrar algumas abordagens a respeito das expressões que também são utilizadas como concordância. O autor as apresenta da seguinte forma, fazendo uma classificação diferenciada:

MARCADORES PRAGMÁTICOS OU INTERPESSOAIS (=orientador para o interlocutor)	MARCADORES TEXTUAIS OU IDEACIONAIS (=orientados para o texto)
Mediais: ...é... ...é claro... ...claro... ...tá... ...tô entendendo...	Aceitam o tópico: tá bom... vamos lá... ok...
	Modalizam o tópico: Possivelmente... Provavelmente... De certa maneira...
	Finalizam tópico: É isso aí...

Castilho menciona no item Sentenças Interrogativas diretas que se dispusermos de uma ideia mesmo vaga a respeito da informação que buscamos, e estivermos querendo apenas obter uma “confirmação ou desconfirmação de um fato”, construiremos uma sentença sem nenhum operador especial, bastando imprimir uma entonação ascendente à sentença asseverativa correspondente, obtendo assim as “interrogativas sim/não”, como nestes exemplos de Braga/Kato/Mioto (no prelo), página 325 exemplo 21:

- a) “Você gosta de literatura de Cordel?”
- b) “A sua família é grande?”

Teremos produzido uma interrogativa direta, cuja resposta é dada habitualmente entre nós pela repetição do verbo nas respostas positivas, ou pela repetição do verbo precedido de “não” nas respostas negativas:

- a) **Gosto/Não gosto.**
- b) **É/Não é.**

2.3

Estudos Linguísticos

Freitas (2000), a autora faz um estudo chamado: Os Processos de Concor-
dância e de Discordância no Português como L1 e L2: Uma perspectiva Sistêmi-
co-Funcional.

A autora em seu resumo expõe que a complexidade dos processos de con-
cordância e de discordância no português do Brasil e a multifuncionalidade de
algumas estruturas de realização de tais atos dificultam o reconhecimento da in-
tenção do falante por parte do aluno de português como segunda língua. O corpus
da autora foi coletado em programas de debate da televisão: Barraco MTVe Pro-
grama Sílvia Poppovic. Foi encontrada uma diversidade de dialetos que contribuiu
para uma descrição das estruturas que considerasse não apenas a forma que o fa-
lante utiliza para expressar-se, mas também os motivos que o leva às suas esco-
lhas. Para fundamentar o trabalho, a autora considera em sua pesquisa conceitos
da Pragmática e, como embasamento teórico principal, a proposta de Gramática
Sistêmico-Funcional de Halliday.

O trabalho propõe a classificação dos diferentes níveis de concordância e
de discordância e das respectivas estruturas linguísticas de realização através de
um eixo que tem como ponto central a ausência de concordância e de discordân-
cia. Um semi-eixo de expressões que a autora classifica como positivo que é gra-
duado da mais fraca até a enfática. A autora coloca que os resultados apontam
para a existência de estruturas que podem ser utilizadas tanto na concordância,
quanto na discordância. E que foi identificado ocorrências de diferentes níveis de
concordância, e que explica a impossibilidade de criação de duas categorias opo-
stas. Em seu primeiro capítulo, ela inaugura abertura da pesquisa conceituando a
palavra “concordar”, nosso objeto de estudo. E acrescenta que de acordo com a
consulta feita a um dicionário FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo
dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975,
“concordar” significa “estar de acordo”, “ter a mesma opinião”. Ela continua a
exposição da mesma forma com a palavra “discordar”, como essa expressão não
será nosso objeto de estudo, não será, portanto exposto nesta Revisão da Literatu-
ra. Ela faz uma proposta com a seguinte pergunta: “Qual a primeira palavra que

vem à sua cabeça durante uma concordância?” Essa pergunta foi feita a 22 falantes nativos e a resposta variou bastante: “sim” (apenas um respondeu), “claro”, “exatamente”, “é verdade”, “também acho”, “Isso mesmo” e “concordo”, foram as primeiras que eles recorreram. Para a autora, não parece ser muito comum o uso do “sim” na concordância. Surgiram diversas outras estruturas equivalentes como as mencionadas.

A classificação de estruturas de concordância, segundo a autora não são suficientes quando feita em grupos isolados. Muitas vezes começa-se um enunciado concordando para depois discordar. “Que tipo de concordância seria esse, então? Ou seria uma discordância?” Essas perguntas seriam difíceis para um falante nativo responder, com toda certeza para um estrangeiro seria uma tarefa mais árdua, acrescenta.

A complexidade nos processos de concordância e dediscordância reflete-se na escolha das estruturas que são utilizadas em um ato. Freitas relata que a grande dificuldade do aprendiz é, portanto a aplicação no dia-a-dia do conhecimento adquirido nos livros e em sala de aula. Ressalta que ao ensino e ao aprendizado do português como segunda língua (PSL) urge uma maior ênfase em um nível de análise da língua fundamental para essa área: a pragmática e que é fundamental para o ensino de uma língua estrangeira que se investiguem, por exemplo, as funções comunicativas de suas estruturas e principalmente a aplicabilidade delas em situação real de uso. Esses estudos, em grande parte, são provenientes da Análise do Discurso. A autora completa que, na literatura disponível, muito pouco material pôde ser aproveitado. Em português nenhum trabalho voltado para essa investigação dos atos de concordar (nosso objeto de estudo) e de discordar foi encontrado. Nas gramáticas do português que foram consultadas, nenhuma se referia à concordância ou à discordância, especificamente. Apenas foi encontrado abordagens em torno das palavras “sim” e “não”, dos advérbios e das locuções adverbiais. Da mesma forma, a autora faz uma investigação com outros teóricos da língua como: Perini (1996) que um enfoque a palavra “não”. Na obra de Said Ali, foram encontradas abordagens sobre as expressões de concordância como: “sem dúvida” e “na verdade” e outras de discordância. Enquanto que a mesma pesquisa feita com Bechara (2009), para caracterizar afirmação, o autor utiliza-se dos exemplos: “**Sim, eles virão**” e “**Realmente virão**”. Na negação apresenta outros exemplos.

A autora completa a pesquisa em trabalhos na língua inglesa, apresentando em seu trabalho os achados sobre as expressões em questão.

Freitas abre mais outro capítulo apresentando as classificações das expressões de concordância sugeridas por ela: Concordância Plena, como aquela que não apresenta dúvida, hesitação nem incertezas, como o exemplo apresentado pela autora: “**Exatamente**”, “**Isso**”, “**Lógico**”; Concordância Plena Enfática, como expressões que reforçam a ideia com a qual se está concordando, exemplo: “o café está quente.”, o interlocutor responde: “**Quentíssimo**”, Concordância Relativa, quando apresenta incertezas, como o exemplo a seguir: “**É** acho que sim, né?”. O mesmo ela faz com as expressões de discordância, classifica-as e exemplifica. Abre também um subitem para abordar o que ela chama de: Ausência de Concordância ou de Discordância. E expõe que em uma análise superficial, essas ausências são uma forma que o participante encontra de não se comprometer com as consequências que seu posicionamento pode acarretar ou de simplesmente não se envolver com o tópico em questão. Exemplifica da seguinte forma: “Prefiro mudar de assunto,...”, “Mariana, eu não tenho nada com isso...” entre outros.

Nos casos especiais de concordância, por exemplo, ela aponta possibilidades do uso de verbos que expressam opinião em todos os níveis analisados pela autora, que podem substituir a palavra; “**sim**”. Como é o caso dos verbos que expressam opinião. Vejamos os exemplos: “e eu acho tão ruim quanto.”; “**É**, às vezes, eu penso isso.”.

A autora conclui o trabalho fazendo algumas afirmações entre elas que sejam levados em conta não só os recursos verbais para se expressar, mas também os recursos não verbais (como os gestos, expressões faciais, etc.), pois são de grande relevância para a análise de textos orais, mesmo que não representem o enfoque principal da pesquisa.

Rebello, A.L do P (2003) em seu texto “Psiu! Do Português L1 ao Português L2 a interjeição como fator de identidade cultural, embora não seja nosso objeto de estudo, as interjeições, a autora menciona duas expressões classificadas por ela dentro dessa classe: “**É!**” classificada como interjeição que expressa alegria e satisfação, e “**É isso aí!**” como interjeição de aprovação, esta última classificação que mais se aproxima da ideia de nossa pesquisa. E traz em seu texto as

seguintes informações de que os elementos interjeitivos consistem em uma manifestação de estados emotivos do falante, atribuímos à emoção um valor discursivo – seguindo as ideias de Rom Harre (1998). A autora diz que constatamos, que ao eleger um elemento interjeitivo para minifestar um sentimento, o falante também exerce um papel comunicativo, realizando atos sociais como, por exemplo, arrepende-se, desculpar-se, aprovar algo, entre muitos outros. Assim, a emoção passa a ser o resultado de um julgamento complexo feito pelo falante, a respeito de uma situação vivida, considerando seus valores e questão de ordem moral (Harre,1998). A autora acrescenta que as interjeições e locuções interjeitivas coletadas em seu trabalho de pesquisa estão divididas em 4 grandes grupos, a saber: emotivas, volitivas, cognitivas e persuasivas. E completa citando Wierzbicka (1991) dizendo que tal fato revela claramente o caráter emotivo do povo brasileiro como característica marcante e predominante de sua cultura, cujo comportamento expressivo é valorizado, e não desencorajado. Finaliza em suas considerações dizendo que todo indivíduo possui emoções, ideias e desejos, e, por isso, tem o direito de saber manifestá-los corretamente na língua que deseja aprender.

Marcuschi (1986), diz que parece que na análise da conversação não se podem empregar as mesmas unidades sintáticas que para a língua escrita. Tudo indica que as unidades, na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos. Existem relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em turnos (marcados pela troca de falantes) e a ligação interna em unidades constitutivas de turno. Isto sugere que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. Marcuschi afirma que segue as linhas teóricas de linguistas alemães, como, por exemplo, R. Rath (1979), cuja premissa é a de que tanto na produção oral como na escrita o sistema linguístico é o mesmo para a construção das frases, mas as regras de sua efetivação bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos linguísticos diferenciados. Posição nitidamente semelhante é a defendida na proposta funcionalista de M. A. K. Halliday (1985).

Os recursos verbais que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimen-

to do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Alguns não são sequer lexicalizados, tais como: “**mm**”, “**ahã**”, “**ué**” e muitos outros.

Marcushi elabora um quadro dos sinais conversacionais verbais em que se podem encontrar expressões como “**é isso aí!**”, classificada por ele como: sinais do falante pós-posicionados e as expressões “**ahã**”, “**claro**”, “**claro, claro**” e “**ah, sim**” classificadas como sinais do ouvinte convergentes. O autor acrescenta que os sinais de assentimento ou discordância: produzidos pelo ouvinte durante o turno do parceiro, eles vêm quase sempre em sobreposição de vozes e exemplifica: “**mhm**”, “**ahã**”, “**não, não**”, “**como?**”, “**ué**”, e não tem uma função fática apenas. Finaliza dizendo que “esta abordagem não é completa e talvez sequer seja representativa. Serve de indicação para estudos futuros, uma vez que estes elementos são cruciais para se ter uma visão melhor do que é específico da fala e dão a medida da naturalidade.”

2.4

Dicionário

O Dicionário On-line de Português Houaiss – a palavra “**sim**” é um advérbio. Resposta afirmativa; exprime aprovação; demonstra consentimento. Concordância; demonstra permissão: “-Posso sair hoje? “**-Sim.**” Quando usado repetidamente, demonstra aborrecimento: “**Sim, sim**, já fiz o que você me pediu!””. Também pode ser empregado para retomar uma ideia anterior: “**Sim**, ele começou a trabalhar, mas nunca foi esse funcionário exemplar.” O dicionário apresenta também um outro uso: “Nunca ouviu um sim na vida.”. Consulta realizada em agosto de 2015.

Cunha (2010), define a palavra “**sim**” como um advérbio que exprime afirmação, acordo ou permissão”.

3

Pressupostos Teóricos

A Língua Portuguesa falada no Brasil é bastante carregada de significados. É uma língua de alto contexto, situacional e traz em sua essência comunicativa as influências culturais brasileiras, que contribuem para que a língua tenha uma identidade peculiar. Essas características não facilitam muito o aprendizado da língua por parte de um aluno estrangeiro, tornando muito árdua essa tarefa. Além do conhecimento estrutural da língua, o aprendiz precisa conhecer e entrar em contato com a cultura brasileira, para que a sua comunicação, torne-se mais eficiente e próxima da realizada pelos nativos.

Nessa proposta de trabalho, uma reflexão sobre as expressões de concordância usadas pelos brasileiros em situações diversas, iremos citar teóricos e seus estudos linguísticos sobre os usos da língua portuguesa em situações de oralidade, para que seja fundamentada nossa tentativa de se fazer um levantamento e estudo do tema abordado.

3.1.

Linguística Sistêmico-Funcional

Neves (1997), em “A gramática de usos é uma gramática funcional” diz que as diversas propostas funcionalistas são examinadas para mostrar que a gramática de usos é uma gramática funcional, isto é, uma gramática que relaciona padrões gramaticais e padrões discursivos, obrigando estrutura e função.

Neves ratifica a ideia de que no ensino do português para estrangeiros deve estar presente também em sua metodologia o ensino da língua em situações reais de uso com o embasamento da língua estruturada na gramática tradicional. Esta só existe, graças à presença viva da outra.

A autora acrescenta que concebendo a língua como instrumento que estabelece relações comunicativas entre os usuários, o paradigma funcional (Dik, 1978) coloca a expressão linguística como mediação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário. Quando o falante diz algo, ele tem uma intenção

comunicativa, um plano mental relativo a alguma modificação na informação pragmática do destinatário, é isso vai determinar escolhas na formulação linguística. Este pensamento torna-se muito relevante no ensino da língua para estrangeiros, uma vez que a competência linguística dele vai se revelar quando ele for capaz de fazer escolhas linguísticas adequadas e que representem exatamente sua intenção comunicativa, seu pensamento. Dik (1980, p.2) a linguagem só pode funcionar comunicativamente por meio de arranjos sintaticamente estruturados. A especificação gramatical de uma expressão, por outro lado, inclui a descrição semântica, não se admitindo a existência de uma sintaxe autônoma Dik (1989, p.2). As propostas funcionalistas podem ser invocadas para verificar o tratamento da frase enquanto ato de interação, enquanto peça de comunicação real. Dik propõe três níveis para esse estudo: predicação, proposição e frase, além de um quarto nível a frase, que corresponde a um ato de fala. As três metafunções de Halliday são: textual, ideacional e interpessoal, a oração é a realização simultânea de três significados: uma mensagem (relevante para o contexto), uma representação (conteúdo) e uma troca (significado como forma de ação). Segundo Halliday, diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significados, ligando-se, pois, às diferentes funções da linguagem. A função ideacional codifica a experiência de mundo, a função interpessoal diz respeito aos papéis da fala e por fim a função textual trata de sistemas de tema e de informação, especificando as relações dentro do próprio enunciado e a situação, dizem respeito a função linguisticamente intrínseca. Dentro de cada sistema, as escolhas se fazem com respeito a um determinado nível gramatical. Assim, no nível da frase, é obrigatória a escolha referente ao sistema de modo, já que toda e qualquer frase há de ser ou declarativa, ou interrogativa, e assim por diante.

Numa gramática funcional sistêmica, duas possibilidades alternativas são assentadas como base para a organização da teoria linguística, como a de Halliday: a cadeia (sintagma) e a escolha (paradigma). Com esse raciocínio, Hudson (1986, p.809) diz que, há dois tipos de categorias em uma gramática sistêmica, os traços e as funções: o traço é uma categoria paradigmática, que relaciona um item com outros itens da língua que, sob algum aspecto relevante, são similares, enquanto a função é uma categoria paradigmática.

É com base nesses pressupostos teóricos que podemos inferir que para que o aprendiz de PL2-E alcance um nível satisfatório de competência comunicativa, será fundamental que ele em seu processo de aprendizado, entenda que a língua em estudo permite que seus elementos constitutivos assumam uma variedade grande de significações, quando inseridos em contextos também diversos e em situações reais de uso. Ele precisará construir uma bagagem de significações específicas que deverão estar relacionadas a cada contexto situacional de uso da língua. Para essa construção de significados, conta-se com o estudo da estruturação formal da língua nas gramáticas tradicionais. A língua posta em ação, ou seja, quando o usuário dá vida a ela, ganha novas roupagens, graças às escolhas linguísticas que terá que fazer e às situações em que será inserida. Entender que a formulação de qualquer discurso, virá acompanhada de maneira simultânea de recursos não verbais como olhar, o riso, gestos e o papel fundamental da interação face a face com o interlocutor, que contribuem para dar forma e sentido ao discurso. Esses combinados durante a comunicação entre nativos são realizados de forma natural e inconsciente. Para aluno estrangeiro, o futuro falante da língua, é um grande desafio, associar e combinar tantos significados verbais, não verbais e estruturais ao produto final, a intenção real comunicativa. Em situação real de ensino do PL2-E, explicar ao aluno que, por exemplo, a expressão de concordância **“É isso aí!”**, quando dita acompanhada de gestos, entonação, interação facial é uma aceitação, é ter que também dizer a ele, que a interação comunicativa do brasileiro é enfática e muito peculiar, ela revela o caráter emotivo do povo brasileiro como característica marcante e predominante da cultura. Além de suas expressões linguísticas, como a exemplificada, estar relacionada não só com classes de palavras gramaticais, mas também com a nova significação que ela ganha, quando em estruturas fechadas ditas em situações que expressam uma positividade. Pois o foco do ensino aponta não só para a sistematização da língua como também para o seu uso, dessa forma, o aluno terá a oportunidade de sentir como é falar e interagir como os brasileiros.

De acordo com o artigo “Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso um panorama introdutório”, das autoras Barbara e Macêdo (2009), a LSF é caracterizada como uma teoria social porque parte da sociedade e da situação de

uso para o estudo da linguagem; seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre o indivíduo e desses com a comunidade.

É com base nesse pressuposto teórico LSF que este trabalho será desenvolvido. O foco na língua e sua estrutura que não se deve separar do seu novo formato quando em uso, nas situações, nas interações entre os falantes e do significado. A LSF se ocupa em descrever a língua e a linguagem de forma abrangente na forma e no significado. Sendo esse caminho de pesquisa que será percorrido neste trabalho sobre as expressões de concordância. Esse nosso comentário é certificado pela citação que as autoras fizeram de Halliday no artigo: que afirma que há uma relação sistemática entre a organização da língua, isto é, entre os três tipos de significados (experiencial, interpessoal e textual) que ela está estruturada para fazer, e os elementos contextuais. No artigo dizem autoras que, a LSF também se preocupa com a estrutura, uma vez que o estudo da estrutura da comunicação é necessário para se entender o significado das mensagens geradas na linguagem. Porém, de acordo com essa teoria, o significado é determinante da forma. Conforme as necessidades dos falantes em contextos específicos são as escolhas que tangem às formas que expressam os significados desejados.

As autoras tratam no artigo a Metafunção interpessoal, teoria também fundamental para conferir a relevância da nossa pesquisa. Essa teoria parte da variável de contexto de situação Relações. Ela representa os falantes, suas intenções, relações; é através da metafunção interpessoal que se manifesta a interação entre os participantes da situação e deles com a sociedade, como interação, o grau de distância/proximidade ou de poder/solidariedade existente entre eles, a responsabilidade que assumem quanto à mensagem que transmitem, se o fazem de maneira assertiva/categórica, ou não.

Finalizam o artigo afirmando que a Linguística Sistêmico Funcional permite ao analista do discurso trabalhar nas mais diversas linhas de pesquisa, com diferentes tipos de *corpus*, em diversos contextos. Essa teoria tem como foco o homem, ancorando no espaço que ocupa na sociedade e em constante interação com outros homens, e mostra que as escolhas linguísticas feitas por ele estão estreitamente relacionadas com suas intenções comunicativas.

3.2.

Teoria dos Atos da fala

Iniciaremos com um trabalho de pesquisa sobre a Teoria dos Atos de Fala tratado por Silva (2011), como ele mesmo diz: “Dentro da visão performativa da linguagem, é que nos propomos, num esforço de síntese, a acompanhar a evolução do pensamento de Austin.” A Teoria dos Atos de Fala surgiu no interior da Filosofia da Linguagem e depois foi apropriada pela Pragmática. Essa teoria tem por base doze conferências proferidas por Austin, o título da obra resume claramente a ideia principal defendida pelo teórico: “dizer é transmitir informações, mas é também (e sobretudo) uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo circundante”. Segundo Austin os enunciados são classificados em constativos e performativos. Os enunciados constativos são aqueles que descrevem ou relatam um estado de coisas (...), esse enunciado não se aplica ao nosso objeto de estudos. Os enunciados performativos são os que não descrevem, não relatam, nem constata absolutamente nada, e , portanto, não se submetem ao critério de verificabilidade, ou seja, não são falsos e nem verdadeiros. Mais precisamente, são enunciados que, quando proferidos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz ativa, realizam uma ação (daí o termo performativo). Tais enunciados, no exato momento em que são proferidos, realizam a ação denotada pelo verbo; não servem para descrever nada, mas sim para executar atos.

Seguindo a linha de raciocínio de Austin, podemos fazer uma análise paralela aplicando nas expressões de concordância, quando são utilizados apenas verbos como resposta: “Você aceita um copo com água?” “**Aceito.**”, outra possível situação: “Você quer que eu o ajude?” “**Quero!**”.

Para Austin, é preciso observar, que o simples fato de proferir um enunciado performativo não garante a sua realização. O sucesso dessa realização depende ainda que as circunstâncias sejam adequadas. Um enunciado performativo pronunciado em circunstâncias inadequadas não é falso, mas sim nulo, sem efeito: ele simplesmente fracassa.

Ao analisarmos o uso das estruturas das expressões de concordância baseado na Teoria dos Atos de Fala, podemos inferir que, as escolhas linguísticas feitas para essa realização, também dependem da adequação situacional, para que se

obtenha sucesso na comunicação. Uma observação relevante para o ensino de PL2-E, é o foco não somente em quem fala, mas, também, em quem está interagindo com o interlocutor na resposta e como ela ocorre. Segundo Austin, esse sucesso se dá pelo fato da comunicação ter sido realizada em circunstâncias apropriadas e cumprindo com todas as condições de felicidade prescritas por Trask (2004). A saber:

- Falante deve ter autoridade para executar o ato;
- As circunstâncias em que as palavras são proferidas devem ser apropriadas.

É também fundamental destacar a Teoria Sistêmico-funcional, para tanto, abordamos a concepção de Halliday, tratada em um texto intitulado: “Os Modelos Funcionalistas” de Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista. A língua se condiciona em uma rede sistêmica através dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos. No primeiro estão os traços, ou seja, as possibilidades da língua enquanto que no segundo estão as funções, que por sua vez correspondem às escolhas dessas possibilidades.

Para Halliday o eixo paradigmático possui relevante importância, pois são traços que estão ao mesmo tempo o “significado formal e o significado semântico” e que determinam então a escolha, consciente ou inconsciente do falante.

Considerando esse funcionalismo adotado pelo linguista, as diferentes redes sistêmicas produzem significados diversos que originam diferentes funções da linguagem, que não se excluem, mas sim, se inter-relacionam:

- Função ideacional: é aquela que transitivamente exprime as experiências do mundo exterior e interior, dando ênfase ao que vai ser contado;
- Função interpessoal: é aquela que estabelece relações de modo entre membros da sociedade, nela o que importa é o modo que se fala, como se fala, determinando, por exemplo, através da entonação, se uma frase interrogativa, declarativa, exclamativa e etc.;
- Função textual: é aquela que organiza a situação dentro de um discurso; relação dentro e entre enunciados que codifica uma informação a ser transmitida.

O autor concebe a língua sob dois propósitos: entender o ambiente (função ideacional) e influir sobre os outros (função interpessoal), que através da função textual, conferem relevância e informação.

Partindo do raciocínio, podemos relacionar as funções da linguagem ideacional e interpessoal e agregá-las ao ensino do PL2-E como sendo primordial ressaltar as experiências de mundo exterior (cultura objetiva) e de mundo interior (cultura subjetiva), que interagem tão naturalmente durante a conversação de falantes nativos, mas se tornam um grande desafio no aprendizado dos estrangeiros.

3.3

Interculturalismo

Abriremos esse assunto apresentando parte de uma entrevista coletada no site da Revista Época no dia 09/12/2015, em que o Interculturalista Milton J. Bennett deu a Revista em 25/07/2011 ao Colunista Lucas Hackrad, o teórico inicia a entrevista fazendo a seguinte afirmação:

“A Comunicação Intercultural é uma evolução da Teoria da Comunicação para um contexto mais global; defende que as pessoas precisam primeiro entender a si, aprender a dar significado a suas próprias formas de comunicação, para só então poder criar significados que façam sentido para todos os outros”. Bennett (2011).

Essa afirmação mostra o quanto é relevante para o ensino do Português como segunda língua se dar destaque ao ensino simultâneo da cultura brasileira durante as manifestações de comunicação oral entre os falantes. A entrevista aborda esse aspecto que se apresenta entre as relações interculturais.

ÉPOCA – Qual a importância do interculturalismo para a sociedade moderna?

MILTON J. BENNETT – Temos que voltar um pouco na história desse campo de estudos. No século passado, o canadense Marshall McLuhan criou o termo “aldeia global”. O que ele quis dizer por “aldeia global” certamente não era que todas as pessoas se tornariam iguais umas às outras, mas que pessoas diferentes poderiam estar mais próximas, ter um maior contato. Basicamente ele quis dizer que nós nos tornaríamos todos vizinhos. E foi isso que aconteceu.

Os estudos realizados até hoje para comprovar a existência de uma cultura global não chegaram a nenhuma conclusão - as pessoas estão mantendo firme-

mente suas visões de mundo e suas culturas próprias, o mundo não está se “globalizando” como as pessoas achavam que o faria. O que acontece é que as pessoas estão interagindo mais umas com as outras. Acredito que esse aspecto seja consistente com aquilo que nós, interculturalistas, defendemos que é: por causa desse contato maior entre as pessoas, há uma necessidade de melhorarmos a forma como nos expressamos uns com os outros, e principalmente focar naqueles pontos em que falhamos na comunicação entre duas culturas distintas. À medida em que as sociedades tornam-se mais multiculturais, e isso quer dizer que há mais mobilidade entre as pessoas, que há mais movimentos de imigração da população, a comunicação, a linguagem precisa melhorar.

ÉPOCA – Em que ponto, então, o interculturalismo se difere de outros campos de estudo como a Antropologia e a Sociologia, já que todos estudam as culturas e instituições sociais humanas?

BENNETT – Bom, diferentemente da sociologia ou antropologia, que tendem a ter um *olhar mais descritivo*, o interculturalismo adota uma *postura mais pragmática*. Primeiro que nós somos da área da Comunicação, estudamos as formas de comunicação entre diferentes culturas e entre diferentes pessoas. *O interculturalismo tenta entender como as pessoas criam sentido para os gestos, ações, palavras e para as outras formas sutis de comunicação e como usam isso para conviver*. Estudamos para melhorar a interação entre as pessoas, para que elas se adaptem melhor umas às outras, para que o desentendimento seja diminuído e o entendimento entre duas pessoas diferentes seja melhorado. A Comunicação Intercultural é uma evolução da Teoria da Comunicação para um contexto mais global; defende que as pessoas precisam primeiro entender a si, aprender a dar significado a suas formas de comunicação, para poder criar significados que façam sentido para todos. *Em uma situação, por exemplo, em que haja diferenças culturais entre duas pessoas, elas precisam entender quais são essas diferenças para daí saber como elas afetam a comunicação entre si para só então poderem chegar a um ponto em que a comunicação seja eficaz e as duas se entendam.*

ÉPOCA – Como um interculturalista define essas diferentes identidades culturais dos povos?

BENNETT – É importante saber que existem três aspectos da identidade cultural. O primeiro é aquele em que a pessoa se enxerga, acima de tudo, como tendo tanto uma identidade cultural quanto uma identidade individual - e tirar a identidade individual de alguém é impossível. O segundo é um nível de análise mais social: nossa identidade cultural é formada pela interação com outras pessoas, e *parte de nossa visão de mundo está ligada às nossas crenças e aos valores que nos foram impostos a partir de nossa vivência em uma sociedade, em um grupo coletivo*.

Por fim, os interculturalistas defendem que se precisa pensar na identidade cultural das duas formas. Por exemplo, no Brasil, acredito, vocês têm uma identidade nacional - e os brasileiros participam, compartilham do sentimento de uma certa cultura nacional -, mas também existem claras divisões regionais e identidades locais associadas às regiões em que as pessoas vivem. Isso sem contar as iden-

tidades étnicas que têm a ver com o pertencimento a um certo grupo com uma certa identidade própria. No fim, os brasileiros não são nem só brasileiros nem são também só nordestinos ou sulistas; eles são tudo isso ao mesmo tempo. As identidades regionais e a nacional não se sobrepõem ou se anulam; eles são todas essas identidades, *e elas contribuem para construir sua visão de mundo e definir seus padrões comportamentais.*

ÉPOCA – Partindo desse princípio, como um brasileiro, por exemplo, que recebe tantos imigrantes, consegue se adaptar à cultura estrangeira e continuar a funcionar dentro de sua própria sociedade?

BENNETT – Bom, esse é o centro de toda a questão. Por causa do aumento na demografia multicultural em todos os países, nós temos cada dia mais contato com pessoas de criações diferentes e de passados distintos. Gordon Allport, que escreveu o livro *The Nature of Prejudice (A natureza do preconceito, sem tradução no Brasil)*, afirmou há quase meio século que quando você interage com pessoas culturalmente diferentes, e essa interação se dá em um âmbito sócio-econômico relativamente semelhante, há uma diminuição nos estereótipos que criamos do outro. No entanto, na maior parte das situações, essa interação envolve pessoas de classes diferentes, ou seja, com noções de poder diferentes. Isso faz com que queiramos nos segregar do grupo “mais fraco”. E quanto mais as pessoas são alimentadas com essa ideia de suposta superioridade - ou de que, na verdade, os outros é que são simplesmente inferiores -, ou ainda de que a pessoa de outra região está vindo roubar seus empregos, enfim, tudo isso cria estereótipos negativos que podem resultar em agressões. Mas no fundo somos todos iguais.

ÉPOCA – Como o senhor analisa o que está acontecendo hoje com a sociedade?

BENNETT – Acredito que, no longo prazo, o que vai mudar é a forma como todos nós agimos. Acredito que estamos todos aprendendo, mas as pessoas ainda precisam *desenvolver o que chamamos de “inteligência contextual”*. É um termo que foi criado na Faculdade de Negócios de Harvard e que representa *a capacidade de uma pessoa de entender o contexto de uma situação - mais do que entender as palavras, saber falar a mesma língua, é entender todo o contexto cultural dessa situação. Quanto mais rápido todos conseguirem reconhecer esse contexto, e quanto mais rápido conseguirem mover-se por contextos diferentes, mais fácil é a comunicação entre as pessoas.* No campo intercultural, esse tipo de inteligência contextual é chamado de “*competência intercultural*”, e é exatamente essa competência que as pessoas precisam desenvolver para poderem se comunicar em um mundo cada dia mais conectado.

ÉPOCA – Como isso tudo pode ser feito?

BENNETT – Uma excelente oportunidade para desenvolver essa competência e as habilidades de um interculturalista é estudar fora ou morar um período no exterior ou em uma região diferente. Isso sozinho, porém, não é suficiente. Tipicamente, o que acontece é que as pessoas que planejam estudar fora são mal preparadas - se é que recebem algum preparo. A única coisa que se faz hoje, pela maior parte dos organizadores de tais viagens, é dizer às pessoas “aqui estão algumas

informações sobre o seu país de destino”, mas isso está errado e não funciona. *A alternativa que os interculturalistas recomendam é preparar essas pessoas com estratégias que lhes ajudem a desenvolver sua inteligência contextual, de forma que elas possam reconhecer as diferenças culturais e aprendam com isso.* Mais do que saber que franceses gostam de queijo e vinho, é importante que a pessoa aprenda a adotar uma postura de análise intercultural frente a esses franceses e entenda por que eles gostam de queijo e vinho.

Também é importante que, durante a estadia no exterior, essa pessoa tenha um acompanhamento de perto, algo que chamamos de ensino facilitado. Eles são ajudados a entender suas próprias culturas para daí conseguirem enxergar onde estão as diferenças entre seus pontos de vista e os pontos de vista das outras pessoas. Esse tipo de aprendizagem intercultural deve ser facilitado durante a experiência; não adianta ser feito antes e nem depois. Por fim, há que haver um processo de retorno, que é quando a pessoa volta ao seu país, ao seu cenário cultural e precisa pôr em prática aquilo que aprendeu e se readaptar à sua realidade.

“Enquanto a cultura objetiva consiste das manifestações visíveis de uma dada sociedade – arte, literatura, música, ciência, religião, política, língua (...), a cultura subjetiva pode ser encontrada nas suas manifestações invisíveis – valores, moralidade, crenças, comportamento, o uso da língua, ou seja, os componentes abstratos dessa sociedade” Bennett(1998).

Bennett, 1991 apud Gripp, 2005, destaca que o foco da comunicação intercultural é o estudo das diversidades culturais, isto é, para os interculturalistas, a preocupação é apresentar as diferentes formas de expressão que cada cultura adota em relação ao uso da língua, ao comportamento verbal e não-verbal, aos padrões de comportamento e de pensamento, aos estilos de comunicação, aos seus valores e hábitos. Para Bennett, entender as motivações culturais para esses fatores pode facilitar o cruzamento cultural, minimizando uma série de conflitos que, muitas vezes, ocorrem pela falta de tolerância com as diferenças uns dos outros.

Gripp acrescenta em seu artigo que, analisar os aspectos culturais e interculturais envolvidos no aprendizado do português como língua estrangeira a partir da forma como nós brasileiros usamos a língua, pode contribuir para um ensino muito mais eficiente. Ou seja, ensinar ao aprendiz de PLE as principais expressões utilizadas e os aspectos socioculturais que estão presentes nesse tipo de interação pode contribuir para um melhor entendimento do comportamento linguístico e social do brasileiro.

4

Pressupostos metodológicos

Este trabalho adota uma metodologia comunicativa funcional e descritiva de ensino do PL2-E. Desenvolveremos essa pesquisa de base qualitativa que fundamentaremos em amostras das falas extraídas dos capítulos do Programa Malhação, episódio: “Seu lugar no mundo” da Rede Globo de televisão. Cabe ressaltar, que optou-se por essa fonte de coleta de dados, por apresentar enunciados que representam a fala cotidiana muito próxima da realidade comunicativa do brasileiro em situações de informalidade.

Os falantes variam entre diversas faixas etárias, se apresentam como crianças, jovens e adultos. Essas referências sobre quem fala, onde se fala e com quem se fala são importantes para serem apresentadas ao aprendiz de PL2-E durante o seu estudo da língua, e em especial, o tema dessa pesquisa, as expressões utilizadas para indicar uma concordância/aceitação, uma vez que, aprender uma língua não é apenas um ritual de memorização das regras da língua, mas também conhecer através de exemplos autênticos os valores culturais que são revelados durante as diversas situações comunicativas. A análise se apresentará com exemplificações em pares de atos de fala: perguntas e respostas positivas, permitindo a contextualização das expressões.

5.

Análise dos dados

Nosso trabalho busca analisar os dados coletados segundo a perspectiva da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), teoria formulada por Halliday.

De acordo com essa teoria, observamos que esses elementos que caracterizam os atos de concordar operam no âmbito do uso real da língua, ou seja, é uma pequena amostra de como alguns termos combinados com outros resultam em novas expressões e significados. As expressões aqui apresentadas que fazem parte do corpus deste trabalho, apresentam-se com diversas possibilidades de interpretações semânticas, isso ocorre, graças ao contexto em que se encontram inseridas, quem as emite e aos inúmeros recursos que a língua portuguesa disponibiliza para enriquecê-las. É com este olhar que os exemplos de diálogos aqui apresentados foram analisados.

5.1

Análise

Iniciaremos com a análise de dados com o suporte teórico da Linguística Sistêmico Funcional (LSF). O nosso corpus foi coletado do programa de televisão Malhação, episódio: “Seu lugar no mundo” 2015 da Rede Globo, cujas manifestações orais de concordância contextualizam-se em ambiente escolar e familiar.

Na sequência outros exemplos serão categorizados e apresentados neste trabalho.

Exemplo 1:

Pergunta: 1º. falante	Você beijou ela?
Resposta: 2º. falante	“Ahã.”
Resposta: 3º. falante	Permaneceu calado

Para uma primeira análise da resposta apresentada, a expressão: “**ahã**” neste contexto descrito, apresenta-se como uma clara concordância sobre o que foi

perguntado. Segundo Halliday apud Marcuschi, constatamos que a expressão “ahã” apresentada é classificada pelo autor em sua análise em uma tabela intitulada: Quadro dos sinais conversacionais verbais em sinais do ouvinte falante/convergentes. Marcuschi subdivide os sinais conversacionais em: sinais do falante e sinais do ouvinte. Acrescenta que esses sinais podem se apresentar de várias formas de uso oral da língua em diversos ambientes conversacionais.

Em nosso trabalho, esse sinal conversacional categorizado por Marcuschi apresenta-se em uma situação que nos leva a perceber que há uma intenção por parte do ouvinte que apresentou a resposta, concordar com seu interlocutor. Essa variação de possíveis interpretações de elementos linguísticos, como este, torna relevantes para serem apresentadas durante as aulas de Português para estrangeiros. Uma vez que, é possível que ela se apresente com várias significações e em diferentes situações. No exemplo coletado, percebemos uma concordância, mas também, essa mesma expressão pode vir caracterizada como um elemento de manutenção conversacional, dando ao interlocutor uma ideia interpretativa de que está recebendo atenção necessária do ouvinte.

Continuamos a análise com mais um exemplo da manifestação da expressão de concordância no discurso, dentro desse mesmo embasamento teórico que dará suporte para a nossa pesquisa.

Exemplo 2:

1º. Falante pergunta:	-Topa Jantar lá em casa?
2º. Falante responde:	-É um convite?
1º. Falante responde:	-Claro!

Observamos nesse diálogo ocorrem duas perguntas antes da resposta final.

A resposta aqui em análise representa uma expressão que quando aparece sozinha em posição de resposta, acompanhada de um ponto de exclamação, intensifica a entonação e caracteriza uma concordância bastante enfática. Não deixando dúvida ao interlocutor sobre a resposta dada.

Neves (1997) em seu texto sobre “A gramática de usos é uma gramática funcional” faz a seguinte citação:

“A questão das ‘escolhas’ tem de ser vista, também, dentro da dicotomia restrições/escolhas que representa a própria duplicidade básica implicada no complexo em que se constitui a atividade linguística dos falantes. Na verdade, a competência linguística dos sujeitos é entendida, numa teoria funcionalista da linguagem, como a capacidade que os falantes têm não apenas de acionar a produtividade da língua (jogar com as restrições), mas também – e primordialmente – de proceder a escolhas comunicativamente adequadas (operar as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção).”

Baseados nestas citações, podemos inferir que as expressões de concórdância estão de acordo com as circunstâncias e a adequação do estado emocional do falante. Podemos acrescentar, também, que no exemplo 1 para aquela escolha, a intenção foi não estender muito o assunto, levando o interlocutor a se calar e encerrar a conversa. Esta interação, pode no levar a crer que é um tipo de concórdância pouco enfática. O que se pretende com essa análise é apresentar a relevância de se mostrar ao aprendiz, que a escolha linguística adequada para uma interação conversacional também pode representar o estado emocional do falante, suas intenções dentro da conversação e que as expressões utilizadas: **“ahã”** e **“Claro!”**, podem também ter diferentes significados, se inseridas em outros contextos. A nossa análise preliminar dos dados fundamenta-se nas bases da Linguística Sistemico-Funcional (LSF). Uma teoria social que se ocupa em entender como ocorrem as interações discursivas entre as pessoas, suas relações com a comunidade e questões do tipo porque e para que as pessoas usam a língua assim como a linguagem e suas manifestações. E é com esse olhar que nós vamos desenvolver a nossa pesquisa. Coletando, apresentando, analisando o significado da linguagem e em que ambientes ela se manifesta nas relações interpessoais à luz da LSF.

O ato de concordar é um ritual de interação acompanhado de características muito peculiares do brasileiro. A escolha linguística dessa expressão não se dá apenas através de uma estrutura, mas também é selecionada de acordo com as circunstâncias que ocorrem e acompanhadas de uma manifestação enfática.

5.2.

Expressões de concordância/Atos de concordar

Segundo o Dicionário Português online Michaelis, a palavra **‘sim’** exprime afirmação, aprovação, consentimento e usa-se como resposta a uma pergunta.

Neste trabalho, mostraremos algumas outras possibilidades de se manifestar essa forma de comunicação muito mais indiretiva, sem necessariamente o falante fazer uso da palavra “sim” caracterizada como uma formulação muito diretiva na comunicação interpessoal.

As expressões de concordância foram utilizadas em contextos de informalidade e serão categorizadas e de acordo com a força expressiva que se apresentam nos enunciados coletados, a saber:

- Concordância absoluta e enfática;
- Concordância moderada e
- Concordância fraca.

Os dados coletados e aqui apresentados serão identificados com os códigos, a saber:

- “E1”, para identificar o exemplo 1;
- “E2” para o exemplo 2, e assim sucessivamente.

Os turnos de fala serão representados através dos códigos:

- “T1!”, identificando como turno de fala do interlocutor 1;
- “T2” para identificar o turno de fala do interlocutor 2.

Cabe ressaltar que as situações de fala apresentadas estarão acompanhadas com as datas de exibição do capítulo. Com base nesta proposta de categorização, apresentamos a seguir nossas reflexões sobre o uso dos atos de concordar.

5.2.1

Concordância absoluta e enfática

Nesta categoria, as expressões são apresentadas sem que haja nenhuma dúvida na resposta do interlocutor. Elas se manifestam de forma completa e enfática. Alguns recursos reforçam essa ideia, como por exemplo, o uso do “*sim*” como intensificador da ideia, a entonação expressa pela pontuação, presença na resposta do verbo usado na pergunta, o uso de expressões como as interjeições, termos repetidos na resposta, entre outros que poderão ser observados nos dados coletados.

Quanto ao uso de verbos nos atos de concordar, observou-se que aparecem com muita frequência durante a fala dos brasileiros. Quando ocorre essa manifestação isolada, ou seja, o uso do mesmo verbo presente na pergunta do interlocutor, percebe-se que nesse uso, a diretividade está presente nessa comunicação. Contudo, essa escolha poderá também ser acompanhada de outros termos que a tornam sem dúvida uma concordância absoluta e enfática.

Nessa diversidade de possibilidades de escolhas de termos que denotam um ato de concordar, apresentamos também expressões que substituem plenamente a concordância com verbos, sem prejuízo do sentido ou da força que se quer imprimir ao ato. Como é o caso do uso da palavra “**claro**”, também muito recorrente durante a fala do brasileiro. Da mesma forma, esse termo poderá vir acompanhado de outros que o completam dando mais um reforço enfático.

Tais, constatações podem ser observadas nos exemplos de fala apresentados a seguir:

(E1)

25/08/2015 Capítulo 7

T1: Você deixa eu ficar com alguma coisa?

T2: **É claro que sim!**

(E2)

28/08/2015 Capítulo 10

T1: Você vai lá comigo?

T2: **Claro que eu vou!**

(E3)

T1: Você falou que vai ao cinema comigo?

T2: **Falei, claro!**

(E4)

31/08/2015 Capítulo 11º.

T1: Topa jantar lá em casa?

T2: É um convite?

T1: **Claro!**

(E5)

01/09/2015 Capítulo 12º.

T1: Vai lá e fala pra ela que você está preocupado.

T2: **Beleza, eu vou!**

(E6)

23/09/2015 Capítulo 28

T1: Você gosta mesmo dela, não é?

T2: **Gosto!**

(E7)

30/09/2015 Capítulo 33

T1: Vamos levantar?

T2: **Vamos!**

No exemplo **E8**, percebe-se uma intenção de proposta ao interlocutor, cuja indiretividade vem marcada através do termo “**né**”, essa indiretividade muito presente na forma de se relacionar do brasileiro.

(E8)

T1: Acho que está na hora da gente trabalhar, né?

T2: **Vamos lá!**

No exemplo **E9**, identifica-se um recurso também muito comum durante a fala dos interlocutores que expressam suas respostas realizando o desdobramento da última vogal acompanhada de entonação, denotando um possível tom irônico durante a comunicação. Embora, a escolha represente uma certeza da resposta dada.

(E9)

05/11/2015 Capítulo 59

T1: ...falar nisso, vamos parar pra almoçar? Você já comeu arroz e feijão?

T2: **Ah, jaaaá!**

5.2.2

Concordância moderada

Nesta categorização, observa-se nas manifestações de concordância uma intenção mais prudente no ato de concordar com o interlocutor. Nelas verificou-se uma falta de posicionamento nas respostas apresentadas, porém, sem afrontar o outro. A pontuação nesta situação representa também com o auxílio da entonação usada pelo falante aponta para elementos indicativos de uma possível dúvida quanto à resposta dada, representando um indicativo de aceitação parcial do que foi dito pelo interlocutor. Como descrito nos exemplos a seguir:

(E1)

25/08/2015 Capítulo 7

T1: Eu vou encontrar uma prova pra te mostrar.

T2: **Tá bom, tudo bem.**

(E2)

T1: Temos que olhar pra frente!

T2: **Tá bem.**

(E3)

T1: A gente tem que tocar a vida pra frente!

T2: **Eu sei, eu entendo...**

(E4)

31/08/2015 Capítulo 11°.

T1: Fiquei sabendo que você vai fazer parte da comissão para representar os alunos.

T2: **Pois é!**

(E5)

02/09/2015 Capítulo 13º.

T1: Você é como se fosse uma irmãzinha pra mim. Entendeu?

T2: **Tá bom.**

(E6)

30/09/2015 Capítulo 33

T1: Você conhece ela há um mês, não pode estar tão apaixonado assim?

T2: **Pior que estou.**

(E7)

05/11/2015 Capítulo 59

T1: Tenho que entregar o trabalho amanhã mesmo, se não, é zero!

T2: **Então tá.**

(E8)

T1: O que vocês acham de tocar minha música no show?

T2: **Por mim, não tem problema não.**

(E9)

T1: Treze anos é a minha idade, sabia?

T2: **Sabia, sua mãe me falou.**

5.2.3**Concordância fraca**

A concordância nesta modalidade é manifestada de maneira quase que incerta no limiar de uma discordância. A concordância fraca manifesta-se pelo emissor de forma reticente, pausada e a entonação que a acompanha denota uma insatisfação com aquilo que se está ouvindo ou uma forma de não querer que realmente seu interlocutor saiba mais detalhes daquilo que aconteceu. Nos exemplos a seguir, são representados pelos seguintes elementos linguísticos: “**Ahã**”, “**É**” e “**Uhum**”. Esse tipo de concordância revela uma ausência de posicionamento mais definido por parte de quem responde. O tom de dúvida, incerteza e insegurança estão presentes nessa categoria.

(E1)

28/09/2015 Capítulo 31

T1: Você beijou ela?

T2: **Ahã.**

(E2)

T1: Muito chato isso, né?

T2: **É...**

(E3)

30/09/2015 Capítulo 33

T1: Vamos deixar isso pra lá?

T2: **Uhum.**

Considerações Finais

Aprender o Português como segunda língua ou qualquer outra língua estrangeira não é apenas memorizar as estruturas gramaticais, suas regras e vocabulário, como se fosse isso, suficiente para se realizar uma comunicação eficiente, mas é também depreender as nuances culturais da língua que trazem sentido as palavras, as estruturas toda sua dinâmica quando proferidas em reais situações de uso por falantes nativos e em contextos diferentes.

Ao final desse estudo chegamos a algumas conclusões que ratificam a importância dessa pesquisa proposta no início desse trabalho. Acreditamos que conseguimos alcançar o nosso objetivo através da pesquisa de coleta, caracterização, análise e descrição de estruturas que denotam a intenção de concordar com o interlocutor em um diálogo e a grande complexidade desse processo para ensinar o aluno de Português como segunda língua. O corpus que nos subsidiou apresentou uma diversidade de possibilidades nas respostas do falante, como a variedade de sentidos, de estruturas que ganharam novos significados dentro desse contexto e mostrando os níveis diferentes de concordância que podem se apresentar durante uma conversa entre nativos brasileiros.

Com base nessa pesquisa foi possível observar, identificar e despertar o interesse para um futuro estudo de outras estruturas que também fazem parte do ritual de concordância do brasileiro durante uma conversação e que não fizeram parte do corpus e da análise desse trabalho, embora também tivessem sido observadas em situações reais de uso da língua:

“Lógico!, Boa ideia!, Combinado!, Já é!, Demoro!, Fechado!, Isso!, Tô nessa!, Tá certo!, Isso, Isso!, Assino embaixo!, Isso sim!, Aprovado!, Pode ser!, Tô dentro!, Podes crer!, É isso aí!, Certamente!, Deixa comigo!, Com certeza!, é verdade!,” etc. Entretanto, todo esse leque de opções são fontes inesgotáveis para o estudo das expressões que denotam concordância que poderão motivar um próximo trabalho de pesquisa que irá contribuir para uma melhor reflexão durante o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua e seus processos que interferem nos rituais de comunicação do brasileiro.

7

Referências Bibliográficas

ALI, M. Said. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

BARBARA, Leila e MACÊDO, Célia Maria Macêdo de. Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso um Panorama Introdutório. 2009.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37ª. edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. Funcionalismo Holandês: da Gramática Funcional à Gramática funcional do discurso.

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova Gramática do Português Brasileiro. 1. edição, 3ª.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CECÍLIO, Livia Assunção. Reflexos da diversidade cultural nos atos de fala de brasileiros e italianos: contribuições para o ensino de português para italo-fonos. PUC-Rio, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da Cunha. Dicionário etimológico da Língua Portuguesa. 4ª. edição revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon,2010.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. A Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3ª. edição revisada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO, Júlio de Mesquita. Os Modelos Funcionalistas. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2006.

FREITAS, Beatrice De Araujo. Os processos de Concordância e de Discordância no Português como L1 e L2: Uma Perspectiva Sistêmico-Funcional. Rio de Janeiro, 2000.

GRIPP, Maristela dos Reis Sathler. “Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda

língua para estrangeiros. Rio de Janeiro, 2005. 104p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 40ª. edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Análise da Conversação. São Paulo: Ática, 1986.

NEVES, Maria Helena de Moura. A Gramática de usos é uma Gramática Funcional. São Paulo: Alfa, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 15, cap. 2.

REBELLO, Adriana I. do P. Psiu! Do Português L1 ao Português L2: a interjeição como fator de identidade cultural. In: Cadernos do CNFL, ano VII, no. 08. Língua e Ensino. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2003.

SILVA, Gustavo Adolfo da. Teoria dos Atos de Fala. UERJ-UGF, 2011.

Sites na internet:

<http://www.dicio.com.br/houaiss/>

<http://www.sinonimos.com.br/>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>